

OS MAIAS — Uma introdução crítica ao Romance

JOÃO DÉCIO

Os Maias de Eça de Queirós constitui um complexo romance que dificulta a organização de um estudo ordenado. E a complexidade do romance provoca uma grande dificuldade no sentido do crítico situar-se numa posição mais cômoda para a abordagem da obra. Como ordenar as idéias? Deve-se partir do estudo dos planos da obra: o psicológico e o social? Por qual deles começar? Deve-se dividir a obra em duas partes, considerando-se separadamente a história de Pedro da Maia e Maria Monforte e a história de Carlos da Maia e Maria Eduarda? Deve-se estudar os tipos sociais, um por um, separadamente? Como fazer? Nós, dada a linearidade do romance e a dedução de um estudo didático que tentaria não esquecer os principais aspectos do romance, resolvemos estudá-lo num sentido cronológico que é justamente o do desenvolvimento da obra. E nesta cronologia que acompanha inicialmente a vida de Afonso da Maia, Pedro da Maia e em seguida a de Carlos da Maia, destacaremos desde já a personagem Afonso da Maia, como fio condutor do romance. Mas partamos do início.

Nas primeiras páginas de **Os Maias**, Eça de Queirós descreve com minúcias o Ramalhete e o desenvolvimento do romance demonstra que o fato ocorre pelas seguintes razões que tentaremos apontar na ordem de importância: a primeira, liga-se ao aspecto de haver uma esmaga ironia entre o fato de Eça lembrar que o Ramalhete tinha interessado ao Monsenhor Buccarini para lá instalar a Nunciatura e os dramas terríveis de ordem sentimental de Pedro da Maia e de Carlos Eduardo que vão abalar o Ramalhete. Outra razão reside no fato de aparecer o Ramalhete como um presságio mau para os Maias. E realmente isto se verifica com o rosário de tragédias que ocorre no romance. Uma, terceira razão da descrição minuciosa do Ramalhete reside no fato de Eça situar nele o palco onde vão ocorrer os grandes lances trágicos da obra. Finalmente, uma quarta razão é que o ro-

mancista já anuncia a grande presença e o grande valor que o processo descriptivo apresentará no desenvolver do romance.

Ainda mais, a descrição minuciosa do Ramalhete, dentro de uma visão objetiva e direta da realidade, anuncia a estética realista no que concerne à paisagem no romance **Os Maias**. Ainda mais, na descrição do interior do Ramalhete pode-se notar a preferência de Eça pelo processo pictural, na organização de quadros que compõem o fresco, já lembrado por alguns críticos de Eça. Assim, pelo exposto resultam grandemente importantes as primeiras páginas do romance.

Portanto técnica e estruturalmente, o romance se inicia dentro de um processo longamente descriptivo que depois será superado pelos recursos dialogados e especialmente narrativos, embora a descrição permaneça sempre como recurso subterrâneo na estrutura do romance.

A introdução das personagens, se observa numa apresentação coletiva. Assim é que a família dos Maias é apresentada nos intervalos das descrições internas e externas do Ramalhete. Na especificação dos componentes da família aparece inicialmente Afonso da Maia e em seguida Carlos da Maia. Portanto, corretamente Eça de Queirós apresenta as duas personagens mais importantes na primeira e segunda fases, respectivamente, de **Os Maias**.

Em linhas adiante, indiretamente é apresentada a figura de Vilaça, uma espécie de catalisador de algumas das ações de Afonso e de Carlos, na verdade o administrador da família. E é através desta personagem que aparece o pressentimento em torno das tragédias que abalarão a família e do qual Afonso, rindo-se, descreve. Vejamos nas palavras do narrador, através do diálogo indireto, as primeiras falas de Vilaça:

O procurador compôs logo um relatório a enumerar os inconvenientes do casarão: o maior era necessitar tantas obras e tantas despesas; depois a falta dum jardim, devia ser muito sensível a quem saía dos arvoredos de Santa Olávia; e por fim aludia mesmo a uma lenda, segundo a qual eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete, "ainda que (acrescentava ele numa frase meditada) até me envergonho de mencionar tais frioleiras neste século de Voltaire, Guizot e outros filósofos liberais..."⁽¹⁾

Portanto, desde as primeiras páginas de **Os Maias** merecem a

1 **Os Maias**, p. 8.

leitura e a reflexão demorada, já que pela técnica realista do romance, através de alguns pormenores na descrição do exterior e do interior do Ramalhete apresentam enormes sugestões quanto a fatos posteriores que venham a ocorrer. Ainda, nestas primeiras impressões sobre o romance queremos acentuar que o processo descritivo minucioso condiciona uma narrativa lenta dentro do tempo cronológico.

Técnicamente, a lentidão e a preocupação com a visão exterior da paisagem, condicionam aqui a técnica realista. Achamos importante observar este aspecto, já que quando entra o episódio de Pedro da Maia e de Maria Monforte, a lentidão desaparece, as ações se precipitam, condicionando um ritmo temporal apressado da narrativa. Posteriormente na apresentação dos problemas sociais em torno dos vários tipos que aparecem e na colocação do drama psicológico em torno de Carlos da Maia e de Maria Eduarda, a lentidão da narrativa volta a predominar. Sem querer adiantar muitos elementos sobre o tempo, nesta altura, lembramos o ritmo ascendente-descendente-ascendente do romance.

O próximo elemento de interesse do romance é a apresentação do perfil físico e principalmente psicológico de Afonso em que se percebem em primeiro plano os costumes do velho e posteriormente a relatação de sua história desde a sua juventude. Esta parte do romance tem importância por duas razões: a primeira é que ficamos conhecendo o caráter e a influência de alguns pensadores no espírito de Afonso. A segunda é que nos permite conhecer a educação que o velho vai procurar transmitir a Carlos da Maia. Nesta altura do romance é-nos revelada a nobreza de alma e o caráter moral elevadíssimo do velho Afonso da Maia. Desde o início e durante todo o desenvolver da obra, Afonso se mostra uma personagem coerente na ação com seu modo de pensar. O assunto importante que surge em seguida refere-se à personagem Pedro da Maia, filho de Afonso. Eça estende-se principalmente na análise da educação falsa dada a Pedro, especialmente no campo da religião. E é curioso de notar que a educação viciosa porque cheia de mimos que Pedro recebeu da mãe, é a grande responsável pela debilidade moral e física na personagem adulta. Morta a mãe, depois de algum tempo, Pedro da Maia vem a conhecer Maria Monforte e ambos se apaixonam um pelo outro. Paixão violenta, impensada, avassaladora que se desenvolve numa verdadeira novela. Novela, pelo romanesco e aventura da ação, já que durante a lua-de-mel, viajam por França e pela Itália. Novela, pelo precipitado das ações e pela dinâmica da narração se sobrepondo à descrição e ao diálogo. Novela pela base sentimental e romanesca; finalmente novela, pelo ritmo apressado que

impõe um tempo relâmpago na realização das ações. Novela, e ainda de tom romântico, pela desgraça profunda que atinge Maria Monforte e especialmente Pedro da Maia. E nesta novela o primeiro lance trágico se verifica. Pedro da Maia abandonado por Maria Monforte, desesperado vai para a casa do pai, levando seu filho Carlos. Logo em seguida suicida-se e é curioso notar que o velho Afonso presentiu a tragédia momentos antes, mas nada pôde fazer para evitá-la. A morte de Pedro só se pode explicar pela sua debilidade interna e pelo sentimentalismo exagerado e ainda pela fraca educação que tivera e que não o preparou convenientemente para os grandes traumas da vida. Portanto, a dualidade educação romântica-realidade dramática (imposta pela fuga de Maria Monforte com o conde italiano Tancredo) explicam a morte trágica e violenta de Pedro da Maia.

Nesta altura termina a novela, e a narrativa volta a ser lenta, quando se inicia a história de Carlos da Maia, principal personagem do romance.

Nesta passagem, da morte de Pedro da Maia, para o aparecimento de Carlos da Maia, saltam-se alguns anos, já que no terceiro capítulo Carlos da Maia vai aparecer já menino de seus dez anos, mais ou menos. O capítu'o III começa com a chegada de Vilaça a Santa Olávia, coincidindo com a chegada de Carlos. Os dois abraçam-se efusivamente, mas o aparecimento de Afonso da Maia, que passa a dialogar com o Vilaça afasta Carlos para o primeiro plano, através da sua descrição física e dos seus gestos na apreciação do diálogo dos dois velhos.

A apresentação nesta altura da personagem quando menino, nos assinala a perspectiva de romance evidente n'*'Os Maias'*: a visão em extensão, passando da criança Carlos para o homem adulto, com a relatação dos fatos mais importantes, dos quais é centro essa personagem. Depois do breve diálogo de Afonso da Maia com o Vilaça, aparece a primeira cena em que se assinala a educação livre e aberta em contato com a natureza, de Carlinhos:

...la abraçar Carlos outra vez entusiasmado, mas o rapaz fugiu-lhe com uma bela risada, saltou do terraço, foi pendurar-se dum trapézio armado entre as árvores, e ficou lá, balançando-se em cadência, forte e airoso, gritando: "tu és o Vilaça".

Postos alguns elementos da descrição física de Carlos da Maia, passam todos para a sala de jantar, onde aparecem alguns trechos de conversas, de que participam Vilaça, o Teixeira e chegamos a um

trecho de real importância: a apresentação do processo de educação física de Carlos. Opera-se uma discussão entre o Vilaça e o Teixeira, aquele, julgando que Carlos era cheio de mimos, este refutando, apontando os fatos que denotava a educação severa a que era submetido pelo avô, Afonso da Maia, embora ele, Teixeira e sua esposa Gertrudes não aprovassem esse mesmo tipo de educação.

Mais adiante surge a segunda cena de jantar do romance *Os Maias* e esta será mais demorada que aquela primeira, em que aparecem Afonso da Maia e Pedro da Maia.

O tema fundamental do jantar é educação de Carlos, na qual tomam parte, de um lado Afonso da Maia e o preceptor inglês Brown, e de outro, Vilaça e o Abade. É importante a reflexão que se possa fazer nesta altura, porque embora a posição dos dois primeiros sobreviva e vença à dos dois últimos, ocorre que no final do romance, observar-se-á a ironia de Eça: Carlos, não obstante sua educação moderna e inglesa, acaba sendo vencido pela vida e pelas forças hereditárias que pesam em seu caráter.

Afonso da Maia e Brown aceitam como mais útil a educação à inglesa, com ginásticas, corridas, ar livre e portanto de maior preocupação com a saúde corporal, como mais importante do que a doutrina religiosa e o "latininho" em que se apegam o abade e o Vilaça.

O aspecto mais importante que merece consideração é o aparecimento de Eusebiozinho, menino que difere estruturalmente de Carlinhos. Ao contrário da educação aberta e sadia deste, aquele é educado em salas fechadas, constantemente preocupado com a leitura e por isso mesmo é um menino fraco, débil, indolente e que lhe marcará um destino diferente do de Carlos, quando ambos adultos.

Quer dizer, o interesse do velho Afonso da Maia pela educação de Carlinhos é mesmo acentuado, dada a preocupação com o que ocorre com Eusebiozinho. Confirma igualmente a ligação do romance com certas idéias pedagógicas que consubstanciam no combate aos processos educacionais retrógrados vigentes em Portugal.

Passados os entreveros de Carlos, Eusebiozinho e Teresinha, o fato mais relevante que aparece a seguir é a introdução da personagem de Alencar, o poeta piegas e ultra-romântico que Eça vai satirizar e caricaturar com mão de mestre.

E é através do poeta que vimos novamente a ter notícias da Maria Monforte, pois os dois se haviam conhecido há algum tempo. Eça descreve brevemente a cena do primeiro encontro entre os dois,

observando-se claramente a iniciativa da Monforte quando conheceu Tomás de Alencar. O episódio é importante, porque o poeta a todo momento recordará a Carlos que conheceu-lhe os pais, que foram grandes amigos, o que colabora para a amizade entre Carlos e ele, Tomás. Já nas suas primeiras referências a Maria Monforte nota-se claramente seu temperamento romântico e piegas:

Enfim, pobre, formosa, doida, excessiva, lançara-se na existência daquelas mulheres de quem, dizia o Alencar, "a pálida Margarida Gautier, a gentil "Dama das Camélias" é o tipo sublime, o símbolo poético, a quem muito será perdoado porque muito amaram".

A idéia importante que surge a seguir no romance, é a violenta reação de Afonso da Maia contra as torpezas da Maria Monforte e as pieguices de Tomás de Alencar.

Linhos seguintes, Afonso da Maia pergunta da filha de Maria Monforte e depois de algumas considerações, aceita-a como morta. Aqui, a crítica tem-se dividido. Uns aceitam a passividade do velho, que não age muito para saber de sua neta; outros acham que, dada a preocupação com o neto Carlos, estranham o fato de Afonso da Maia ter feito vagas pesquisas para encontrar a neta.

Para nós, é realmente estranhável que não tivesse Afonso desenvolvido maiores buscas, no sentido de encontrar a neta. Parecerímos mesmo proposital o fato de Eça criar o mistério em torno de Maria Eduarda, quando menina, para fazê-la ressurgir a certa altura do romance, já mulher feita e experimentada e ccorrer a paixão de Carlos por Maria e igualmente a recíproca se verificando, provocar incesto. É preciso convir que, até certo ponto, Vilaça é culpado pois que foi ele que através do raciocínio algo frio, convenceu Afonso da Maia da possível morte de Maria Eduarda.

É verdade que linhas adiante vê-se claramente a dúvida que perpassa pelo espírito de Afonso com relação ao destino de sua neta, quando resolve escrever ao Noronha e ao André em Paris, solicitando-lhes que façam pesquisa a fim de se cientificar do paradeiro da menina. Outra cena importante é a observação de Afonso da Maia quanto ao fato de Carlos conhecer a forma brutal e trágica em que morreu o pai, Pedro da Maia. É verdade que Carlos nunca se refere ao fato no romance, mas é importante lembrar que no filho apareciam alguns aspectos herdados do pai, especialmente a fraqueza de vontade e a sensualidade. É algo que se apresenta como improvável e mesmo inverossímil o fato do filho nunca se referir ao pai e à mãe, em todo o desenrolar do romance.